

Proposição artística: *Ambulantes*, Cia. Arte Negus (SP)

Crítica em processo

Por Leandro Brito

A expressão “jeitinho brasileiro”, amplamente difundida ao longo da história, vem à mente ao assistir ao espetáculo *Ambulantes*, da Cia Arte Negus, que participa da programação da Aldeia Guaná.

O pensamento de que tudo pode resolvido com um sutil contornar de regras, com algum truque, é trazido à tona pela cena, o que suscita alguns questionamentos: Será que realmente não é possível sobreviver sem o famoso “jeitinho”? Será que todas as pessoas em dificuldades no Brasil precisam “se virar como podem”? Será que o Brasil é um lugar onde apenas “o mais esperto sobrevive”? Esta última questão toma emprestadas as palavras da sinopse do espetáculo.

*Ambulantes* inicia com a chegada de uma carroça trazida pelos personagens Figura (Augusto Figliaggi) e Ououou (Elaine Guarani), o primeiro um ex-paraquedista militar que perdeu o emprego por não cuidar direito do animal de estimação do presidente; Ououou é filha de uma família tradicional de mascates.

Já no momento da apresentação dessas figuras há uma piada, um jogo de palavras, que remete ao falo do presidente. As informações sobre Ououou soam ainda mais tristes, pois ela ao invés de ter o apoio dos familiares é praticamente expulsa de casa por não ter o talento nato da longa linhagem de mascates a qual pertence. Toda a peça gira em torno da venda de objetos mágicos que auxiliarão seus compradores a realizar seus sonhos.

Uma série de personagens é convocada para demonstrar os produtos de forma lúdica. A plateia é convidada a dar a volta ao mundo conforme cada objeto é apresentado, evidentemente para “valorizar o produto” e obter um preço ainda mais alto. Canudo, forquilha, pasta e bolhas de sabão são os objetos usados,

primeiro de forma lúdica, para desenhar o perfil dos personagens, e depois vendidos.

O mote principal da peça é a busca dos sonhos e a dupla em cena o faz com bastante vigor. Só resta saber se utilizando a maneira mais adequada, pois por se tratar de um espetáculo de rua não há classificação recomendada e as metáforas utilizadas nos textos podem ser complexas para a faixa etária das crianças presentes.

Porém, apesar do tom mercantilista, nem tudo está perdido. Ououou em certo momento da trama tem um ato de solidariedade. Tendo ela estragado parte do sonho de seu companheiro lhe oferece todas as suas economias em um gesto realmente tocante da forma como foi conduzido. Ao final, distribuem para os pequenos um soprador de bolhas de sabão que representa os sonhos. Então o placó é tomado por centenas de bolhas/sonhos flutuando levemente pelo ar.

*- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Arsenal (Cuiabá-MT), a partir da programação da Aldeia Guaná, no período de 13 a 17/9/2016.*